

Sobre a dinâmica da produção da experiência urbana indígena em Parintins – uma aproximação antropológica

*Abílio José Ferreira; Caroline Seixas; Cristiane de Carvalho Fraga;
Edilza Duarte; Ellen Kethlen da Silva Costa; Jéssica da Cunha Pereira;
Mônica Muniz
Universidade Federal do Amazonas*

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma etnografia sobre as trajetórias individuais e coletivas dos indígenas citadinos que vivem na área urbana de Parintins, município do Amazonas, a partir de narrativas do cotidiano, memória coletiva e individual. O trabalho etnográfico teve como sujeitos indígenas que vivem na zona urbana de Parintins e suas conexões com órgãos representativos, como CASAI e FUNAI. Foi adotado procedimento etnográfico (MAGNANI, 2002), relacionando-o com falas produzidas durante a coleta de dados da pesquisa de campo, o que proporcionou marcação antropológica das relações indígenas na vida urbana.

Palavras-chave: Indígenas citadinos, vida urbana, etnografia urbana.

Abstract

This article aims to presents an analysis and reflection on the trajectories of individual or collective indigenous urbanites who live in urban Parintins, from biographical narratives about the everyday, individual and collective memory. The fieldwork was carried out using as a source of indigenous research habitually in the city of Parintins and representative bodies as CASAI and FUNAI. In this sense becomes concrete research reflecting lines and faithful records of data collected. The survey was conducted during the year 2013 and had the daily lives of urban indigenous representatives and reports from "legal" these, the formalization of the key elements that enabled his analysis. Based on a more reflective reasoning adopted the concept of Urban Ethnography (MAGNANI, 2002), relating it to the speeches made during the data collection of field research which gave us a broader view of indigenous relations and urban life.

Keywords: Indigenous urban dwellers, urban life, urban ethnography.

INTRODUÇÃO:

Parintins é um município localizado no interior do estado do Amazonas, próximo à divisa com o Estado do Pará, Região Norte do país. Com uma população de mais de 100 mil habitantes, configura-se como o segundo mais populoso do Estado. Sua área é de 5.952 km², representando 0,3789% do Amazonas. Desse total, 12.4235 km² estão em perímetro urbano.

A pesquisa teve abordagem qualitativa sobre a construção da experiência urbana dos indígenas no município de Parintins e adotou procedimentos para se traçar linhas entre as dimensões da visão etnográfica proposta por Magnani (2002).

O trabalho teve como objetivos i) investigar as trajetórias individuais ou coletivas dos indígenas citadinos Sateré-Mawé na cidade de Parintins-AM, ii) analisar, a partir das falas dos sujeitos, situações políticas, socioeconômicas e culturais dos Sateré-Mawé na zona urbana de Parintins, iii) refletir sobre as trajetórias individuais ou coletivas dos Sateré-Mawé a partir de narrativas biográficas acerca do seu cotidiano na zona urbana.

Tomou-se como base atividade realizada no mês de fevereiro de 2013, junto a indígenas da etnia Sateré-Mawé das comunidades Andirá e Uaicurapá que vivem temporal ou permanente na zona urbana do município de Parintins, distribuídos pelos bairros Itaúna I e II, da União e São José

Operário. Alguns indígenas residem em moradias próprias ou em casas alugadas.

As entrevistas tiveram caráter semiestruturado (FLICK, 2004). O material foi fundamentado nas experiências de vida e no conhecimento formal que possuem. Para a análise das falas dos sujeitos da pesquisa, apropriamo-nos da análise de conteúdo. Segundo Franco (2003), trata-se de um horizonte que envolve condições contextuais referentes a situações econômicas e culturais nas quais estão incluídos os emissores (MAGNANI, 2002).

A simples estratégia de acompanhar um desses indivíduos em seus trajetos habituais revelaria um mapa de deslocamentos pontuado por contatos significativos, em contextos tão variados como o do trabalho, do lazer, das práticas religiosas, associativas etc (p. 17).

A análise foi caracterizada por eleição de categorias sistematizadas a partir dos relatos dos entrevistados (MAGNANI, 2002).

Uma totalidade consistente em termos da etnografia é aquela que, experimentada e reconhecida pelos atores sociais, é identificada pelo investigador, podendo ser descrita em seus aspectos categoriais: para os primeiros é o contexto da experiência, para o segundo, chave de inteligibilidade e princípio explicativo (p. 20).

A organização das categorias foi fundamentada em i) “organização e representações no espaço urbano e da aldeia: adaptações e crise”, ii) “interesse pelo urbano: a experimentação da cidade”, iii) “trabalho, discriminação e inserção social urbana”, iv) “construção identitária: vantagens e desvantagens” e v) “experiência urbana”.

Organização e representações para os espaços da aldeia e urbano

Os Sateré-Mawé hoje são um grupo de aproximadamente 8.500 indígenas na Amazônia, dos quais 7.502 moram na terra indígena Andirá-Marau, nos municípios de Barreirinha, Maués e Parintins e aproximadamente mil residem nas áreas urbanas destes municípios (TEIXEIRA, 2004 apud ALVAREZ, 2005).

Outro grupo vive na Terra indígena Coatá-Laranjal junto ao grupo Munduruku e no município de Borba. Um terceiro agrupamento está radicado na cidade de Manaus há pelo menos três gerações (ROMANO, 1982 apud ALVAREZ, 2005).

Comparando-se as relações de organização social dos Sateré-Mawé entre a comunidade indígena e a zona urbana do município de Parintins, verificamos diferenças nas representações do ir e vir entre aldeia e cidade. Esta inferência está indicada nos dados coletados.

Na área indígena os mesmos são organizados por sítios familiares tendo como liderança principal os Tuxauas, enquanto que os indígenas que vivem na cidade estão organizados em forma de família, ou seja, não vivem organizados da mesma forma nos dois espaços considerados (Rafael, indigenista da Funai, pesquisa de campo, 2013).

Muitos têm residência própria aqui em Parintins, mas muitos usam a Casa do Índio (Casai/Casa de Trânsito) como residência transitória, pois tem seus roçados na aldeia e se deslocam no período próprio para trabalhar nos mesmos e voltam com seus produtos e se instalam novamente na Casai e não há uma organização como na aldeia (Pedro de Paula, técnico da Funai, pesquisa de campo, 2013).

Moro aqui em Parintins há mais de 12 anos, utilizo a Casai como espaço de morada, pois nossa família não possui casa própria e o espaço aqui é importante para estarmos abrigados e estudarmos na cidade (Manoel de Oliveira, Sateré-Mawé, pesquisa de campo, 2013).

Nas falas dos entrevistados, percebemos que não há consenso quanto à forma de organização dos relatos entre aldeia e espaço urbano. Percebemos nessas falas que é preciso investir numa política que dê subsídios aos indígenas urbanos Sateré-Mawé para estabelecerem critérios para a construção de uma organização menos fragmentada e que dinamize de forma adequada a distribuição espacial da comunidade indígena para a área urbana do município de Parintins.

O que tá faltando é tornar possível uma discussão política indígena

envolvendo o núcleo da aldeia e os indígenas que vivem na zona urbana de Parintins, ou seja, tornar possível uma maior integração entre eles, uma vez que estão descentralizados. Talvez isto seja motivado pelo fato da “não” necessidade, na área urbana, de uma política de organização mais dinâmica (Rafael, indigenista da Funai, pesquisa de campo, 2013).

O interesse pelo urbano: a experimentação da cidade

Sobre o traslado da comunidade indígena de origem para a zona urbana, os entrevistados destacaram que muitos vêm para acompanhar seus filhos em estudos, uma vez que na comunidade só tem até o Ensino Fundamental.

Alguns relatam que migraram para a cidade de Parintins em busca de conhecimentos e a suposta possibilidade de melhorar a vida ante os que ficaram na aldeia.

Outros falam que o indígena se desloca para a zona urbana por motivo a saúde. As fontes dessas inferências esta dispostas nas seguintes falas:

Muitos vêm pra cidade, principalmente em função dos filhos que vêm estudar aqui. Na comunidade só tem o Ensino Fundamental e ele tem que vir para a cidade de Parintins continuar os seus estudos e vão ficando, pois na aldeia há falta de opções, principalmente econômicas (Pedro de Paula, técnico da Funai, pesquisa de campo, 2013). Vim pra cá para estudar, mas não consegui e retornei pra aldeia por causa de dinheiro, recurso principal que a gente não tem aqui e quando a

gente adquire o recurso na aldeia retorna pra cidade pra conseguir os estudos de novo (Manoel de Oliveira, Sateré-Mawé, pesquisa de campo, 2013).

O que prende o indígena na cidade é a saúde, melhoramento que na aldeia não tem, mas infelizmente acaba havendo um mal atendimento aqui no hospital. O estudo também é importante, sim, para saber fazer as vendas, negociar com os brancos, saber conversar com os brancos (Luiz de Oliveira, Sateré-Mawé, pesquisa de campo, 2013).

A vida na cidade é apenas para estudar, trabalhar pra poder voltar para aldeia e ajudar minha família, ajudar os outros que tão lá. (Tomas Batista, Sateré-Mawé, pesquisa de campo, 2013).

Viver na cidade, bom não é, mas é correr atrás dos objetivos e depois voltar pra aldeia e lá viver (Manoel de Oliveira, Sateré-Mawé, pesquisa de campo, 2013).

Percebe-se a ênfase nas práticas culturais tradicionais que se possui ao se destacar o papel que a cidade tem em suas vidas, servindo de contribuição para a apropriação de conhecimentos que levarão para ajudar os que residem na comunidade indígena.

A saída dos Sateré-Mawé das aldeias e a transição para a zona urbana, em geral, está ligada a dificuldades enfrentadas no âmbito do ensino e de fatores econômicos. Para Silva (2008),

[...] a comunidade Sateré-Mawé vive em situação de pobreza, com agravamento social na questão de emprego, renda, habitação, saneamento básico e baixa escolaridade. O padrão de vida econômico é muito baixo, o que por

vezes compromete a qualidade de vida desses indígenas, pois não há recurso financeiro para comprar alimentos, mais especificamente aqueles que fazem parte de sua dieta – peixe, farinha de mandioca, frutas, dentre outros (p. 80-81).

Os indígenas, ao saírem da comunidade, perdem direitos como habitantes do meio rural, o que corrobora com a situação de penúria em meio à economia na zona urbana. Todavia, indígenas da zona urbana de Parintins-AM possuem como benefício social o programa Bolsa Família.

Existe uma diferença entre o indígena da aldeia e o urbano, no que se refere aos direitos do trabalhador rural e urbano. O indígena que mora na cidade não deixa de ser índio. Mas, existe um tratamento diferenciado. Os indígenas que vivem na aldeia recebem seus benefícios sociais normalmente como qualquer trabalhador rural, já aqueles que vem viver na cidade perdem esse soldo de trabalhador rural. Há um cadastro de comprovação do indígena e sua família, junto ao INSS, com relação à sua residência. O índio de maneira geral é, por natureza, um trabalhador rural, agora saiu de sua aldeia e passou a morar na cidade perde seus direitos adquiridos (Pedro de Paula, técnico da Funai, pesquisa de campo, 2013).

Trabalho e inserção social urbana

Dos questionamentos feitos sobre a conquista do mercado de trabalho pelos indígenas Sateré-Mawé se sobressaíram questões relacionadas à falta de urbanidade e

respeito. Discursos sobre as barreiras da sociabilização estão enfatizadas nos seguintes relatos.

As dificuldades encontradas pelos indígenas são, em sua maioria, de ordem discriminatória, o que afasta nossos filhos da convivência com o branco. Aqui tem que seguir a lei do branco, não estamos na nossa terra (Luiz Oliveira, Sateré-Mawé, pesquisa de campo, 2013).

Tem vários casos de preconceito em relação ao indígena. Inclusive dentro da universidade. Esse caso está na Justiça, no Fórum. A Funai está assessorando (Pedro de Paula, técnico da Funai, pesquisa de campo, 2013).

Viver aqui não é tão bom, mas para conseguir meu objetivo vivo aqui, mesmo com as dificuldades que tem. Pretendo terminar o ensino médio e voltar para a aldeia. Gosto de ajudar meu pai no artesanato e sempre participo das festas que tem lá na comunidade. Já sofri preconceito na sala de aula onde os outros alunos falavam mal dos índios e briguei com eles. Tenho orgulho de ser Sateré-Mawé (Manoel de Oliveira, Sateré-Mawé, pesquisa de campo, 2013).

Manter um respeitoso convívio social está longe de ser realidade para os Sateré-Mawé inseridos na sociedade urbana de Parintins, influenciando na construção da identidade dos índios que migram para a cidade.

O índio não é como o branco, sempre é visto como pessoa diferente. Olham pra nós com diferença, como se fôssemos destituídos de saberes e vindos do mato (Manoel de Oliveira, Sateré-Mawé, pesquisa de campo, 2013).

Viver aqui é ocupar um pequeno espaço, sempre voltado para a reunião familiar dos Sateré-Mawé. Não vivemos o mundo do branco. Às vezes tratam a gente bem, às vezes tratam mal. Eu acho que eles pensam que os índios não sentem dor, que o índio não tem cérebro, eles pensam que o índio é um bicho qualquer. O índio, vindo pra cá, estuda e aprende a cultura do branco e às vezes não quer mais nem falar o idioma dele, aí vai perdendo a arte, vai deixando a nossa cultura (Luiz Oliveira, Sateré-Mawé, pesquisa de campo, 2013).

Ser indígena em Parintins é viver uma vida que não é nossa. Aqui, índios jovens não aceitam conselhos, se envolvem com festas e bebidas alcoólicas e pensam que com isso estando vivendo como os brancos e convivendo naturalmente com eles (Tomas Batista, Sateré-Mawé, pesquisa de campo, 2013).

As famílias que vivem aqui não perdem o vínculo com a aldeia de origem, mas, ao entrar em contato com a cultura do branco, vão incorporando traços desta cultura. Em alguns casos, há índios que não dominam mais sua língua original (Pedro de Paula, técnico da Funai, pesquisa de campo, 2013).

Nas diferenças individuais, percebe-se nos depoimentos sobre a vivência indígena Sateré-Mawé na cidade de Parintins-AM uma integração apenas parcial à sociedade, tendo em vista o preconceito e a discriminação. A vida do índio que migra da aldeia é uma vida, em geral, regada pela negação à sociabilidade intercultural com a sociedade urbana.

Os Sateré-Mawé citadinos consideram que vivem a “vida do branco” e não a “vida do índio”. Eles estão inseridos no

contexto de pobreza da realidade urbana e pouco tendem a incorporar traços culturais benéficos, que possam inseri-los novamente no contexto funcional da cidade.

É perceptível nos depoimentos a crise disciplinar entre jovens ao julgarem o certo e o errado segundo o tradicionalismo, os costumes e a educação na visão dos Sateré-Mawé.

A maioria que vive aqui na cidade, na Casai (Casa de Trânsito de Indígenas), é de jovens que dizem que vem estudar, mas acabam adquirindo muitas coisas que a meu ver são absurdas. Eles não atendem os conselhos dos mais velhos, fazem o que querem. Eles saem para as festas do branco e chegam bêbados, colocam outros alunos no quarto deles, tudo isso. Tem mãe e pai aqui que vê tudo isso, mas não chama a atenção. Trancamos o portão de entrada as 22h, mas eles pulam, não são como antes que obedeciam (Manoel de Oliveira, Sateré-Mawé, pesquisa de campo, 2013).

Além da problemática dos costumes, consideremos a fala do representante da CASAI local acerca do estabelecimento físico de indígenas na cidade.

A CASAI é uma casa transitória dos índios Sateré-Mawé, representa nosso povo aqui na cidade. Não é um órgão do governo, mas ajuda na moradia de mais de 100 pessoas que convivem dividindo o que tem para se sustentar. Nela, estão indígenas que não tem onde morar aqui na cidade. Temos dificuldades financeiras e sempre recebemos doação de alimentos dos padres. Alguns vão até a aldeia e voltam com produtos artesanais. É aqui que

temos uma representação só nossa, pois fazemos o que podemos para nos manter unidos como indígenas (Luiz Oliveira, Sateré-Mawé, 2013).

Quando falamos das representações Sateré-Mawé na cidade de Parintins, ainda que o traço físico da questão seja importante, também se almeja vislumbrar a figura do indígena inserido no Festival Folclórico. Vejamos as seguintes considerações sobre a problemática.

Os índios Sateré-Mawé não são representados no festival do boi em Parintins, pois mostram coisas que não condizem com a realidade do povo Sateré-Mawé. Inclusive nas toadas falam besteiras da vivência de nosso povo. Então eles não estão nos representando (Manoel Oliveira, Sateré-Mawé, pesquisa de campo, 2013).

Ninguém pode dizer que o festival do boi representa o índio amazônico e todas aquelas tribos que se colocam lá representando o índio. Não é índio, é branco, e nós, índios, somos esquecidos. Usam o nome “Nação Sateré-Mawé” (grifo nosso), dançam e os turistas pensam que é. Eles não nos representam, estão ganhando dinheiro usando o nome Sateré-Mawé (Luiz Oliveira, Sateré-Mawé, pesquisa de campo, 2013).

A representação que temos em divulgar os nossos sentimentos indígenas é quando utilizamos a Rádio Alvorada, quando o padre dá um espaço pra gente discutir a nossa saúde, que é a coisa melhor pra gente, falar da nossa cultura e das nossas festas. Sempre que podemos, vamos até nossa comunidade participar das festas, lá sim a festa é nossa, é verdadeira (Luiz Oliveira, Sateré-Mawé, pesquisa de campo, 2013).

Considerações finais

O trabalho teve como perspectiva apontar reflexões sobre a dinâmica de produção da experiência urbana indígena Sateré-Mawé em Parintins. Tratou-se de uma proposta que considerou relevantes relatos acerca da realidade na visão dos indígenas.

Notou-se que os Sateré-Mawé buscam, em suas experiências do ir e vir no espaço urbano, uma dinâmica integralizadora. Eles pretendem estar formalmente inseridos no contexto da cidade, mesmo com todas as dificuldades acarretadas no complexo processo de migração aldeia-cidade.

Referências

ALVAREZ, Gabriel O. O ritual da tocandira entre os Sateré-Mawé: aspectos simbólicos do

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4. ed. São Paulo: Saraiva 1990.168 p. (Série Legislação Brasileira).

Estado do Amazonas. Embrapa Monitoramento por Satélite. Página visitada em 03 de março de 2013.

FLICK, Uwe. Uma introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre, RS. Bookman. 2004.

MAGNANI, José G. Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. RBCS. São Paulo. V. 17, n. 49, jun. 2002.

SILVA, Heloísa Corrêa. Indígenas urbanos
uma questão social no contexto da cidade de
Manaus. Disponível em
<http://www.ts.ucri.ac.cr>. Acessado em
fevereiro de 2013.

WAUMAT. Série Antropologia, 369.
Brasília, 2005. Disponível no site

_____, Política Sateré-Mawé: do
movimento social à política local. Revista de
Estudos e Pesquisas, FUNAI, Brasília, v.1,
n.2, p.9-44, dez. 2004.